

Diógenes Sousa

Esta pesquisa se apresenta como mais um aparato histórico que referenda o centenário da Sociedade Esportiva Palmeiras. Deste modo, temos a intenção de demonstrar a criação e utilização de um dos espaços destinados à prática do lazer e atividades desportivas na cidade de São Paulo, o Parque Antarctica, bem como as intervenções urbanísticas surgidas na região oeste da cidade no final do século XIX até meados do século XX. A partir disto, analisaremos a relação existente entre a industrialização e a difusão das noções de esporte e de lazer na produção de espaços próprios a essas práticas.

A importância do Parque que se transformou em Estádio, em termos arquitetônicos, se relaciona ao processo de industrialização de São Paulo e à utilização do concreto armado nas arquibancadas das torcidas. Assim pretendemos identificar como a indústria paulistana foi capaz de modificar e criar hábitos sociais de esporte e lazer. Para isso nos valem de uma bibliografia que estabelece diálogos pertinentes na relação entre indústria e lazer, com os olhos voltados à urbanização da cidade. As fontes pesquisadas são oriundas de diversas visitas feitas ao Arquivo Histórico da Sociedade Esportiva Palmeiras, Arquivo Municipal Washington Luis, Arquivo do Estado de São Paulo e Centro Pró-Memória Hans Nobiling.

Nessa pesquisa, inserida numa perspectiva de História Urbana, pensamos no papel da arquitetura e urbanismo e do patrimônio edificado como elementos partícipes da produção de uma imagem e de identidade da cidade de São Paulo, que se transformou num curto espaço de tempo. As alterações urbanas da cidade ocorreram vagarosamente, se pensarmos que a província se manteve praticamente intacta desde a chegada dos jesuítas em 1554 até o último quartel do século XIX.

No entanto, com a chegada do século XX, o tempo parece ter passado mais rápido, ou, pelo menos, com modificações mais evidentes. Escolher o Parque Antarctica como fonte histórica nos permite acompanhar um pouco das alterações urbanas

1

Historiador pelo Departamento de História da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo. Foi orientando do Prof. Dr. Fernando Atique durante sua monografia de Conclusão de Curso sobre o Parque Antarctica, desenvolvida em 2013-2014. Atualmente faz estágio no Núcleo de Protocolo e Arquivo da Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo.

ocorridas na zona oeste de São Paulo. O Parque da Companhia Antártica Paulista é um marco na história social da cidade por ser um espaço de lazer que contemplou a classe operária e a elite paulistana. Foi espaço de realização de diversas práticas esportivas, principalmente do futebol na década de 1900.

O historiador Eurípedes de Paula afirma que a cidade de São Paulo passou por uma segunda formação, a partir de 1870, com a administração do intendente João Teodoro. O café se tornou um agente modificador da cidade no século XX. A elite formada por barões do café ansiava por uma cidade mais moderna com características europeias, o que impulsionou o desenvolvimento de São Paulo.

A isso, soma-se o fato da indústria alterar em certa medida o *modus vivendi* da população. Para se ter uma ideia deste crescimento vertiginoso, a cidade contava em 1872 com 31.385 habitantes passando para 1.326.261 habitantes em 1940². Muitos imigrantes eram alocados nas fazendas de café do interior do Estado, e a falta de adaptação à lavoura ou atritos de diversas naturezas faziam com que muitos deixassem o campo e se dirigissem à cidade, no intuito de procurar emprego e moradia nas vizinhanças das linhas das estradas de ferro. Essas pessoas fixaram-se, quase sempre, em grupos, como os italianos no Brás, Bom Retiro, Moóca e Belenzinho.

A industrialização que despontava abarcava em si a valorização de certas áreas da cidade em detrimento de outras, moldando a utilização do espaço urbano entre aqueles que moravam em regiões privilegiadas e os que suportavam as parcas condições oferecidas pela vida urbana moderna e periférica.

No tocante à urbanização, Ernani Silva Bruno aborda as transformações que ocorriam na paisagem de São Paulo com um panorama acerca do novo momento pelo qual a cidade passava³:

Retificaram-se ruas, regularizaram-se velhos largos tortuosos e desnivelados e sobretudo abriram-se avenidas e se fizeram arruamentos mais perfeitos, de forma que já em fins do oitocentismo um observador podia distinguir com nitidez, pelo desenho dos quarteirões, a parte velha da parte nova da cidade.

Ao crescimento exacerbado da cidade somado às condições em que isto

²

Disponível em http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/tabelas/pop_brasil.php Acesso em: 20 jan 2014

³

BRUNO, Ernani Silva. *História e tradições da cidade de São Paulo, vol III. Metrópole do café (1872-1918)* São Paulo: Editora Hucitec, 1984, 3.ed, p.368

ocorrera, ou seja, a maneira desordenada e vertiginosa deste processo, demandava-se soluções por parte do poder público, das quais Bruno (1984) se refere, utilizando como exemplos os locais públicos de lazer que a cidade dispunha na época: o Parque do Anhangabaú, da Luz e da Várzea do Carmo. A necessidade por espaços de lazer foi se tornando cada vez maior, baseada nas referências europeias modernas, como os cafés, teatros, confeitarias e demais demandas de espaços onde uma sociabilidade que se pretendia refinada e civilizada, segundo expressões da época, poderia reinar.

Nicolau Sevcenko (1992) destaca a nova mentalidade cultural e as recentes formas de sociabilidade que vieram a reboque da eletricidade, do automóvel, de diferentes práticas desportivas, como por exemplo, o futebol, no final do século XIX. Nessa nova conjuntura, segundo ele, os jovens da época adotaram uma nova identidade e um novo estilo de vida.

Corroborando com o argumento utilizado acima por Sevcenko, Margareth Rago (2004) também salienta a importância da mudança de comportamento da sociedade que começava a ver as práticas desportivas cada vez mais presentes em seu cotidiano. Tais atividades cresciam concomitantemente ao incremento populacional e, conseqüentemente, a necessidade de locais específicos para o esporte e lazer se fazia cada vez maior.

Sendo assim, partimos da prerrogativa de mostrar o campo do esporte como agente modificador da cidade e do comportamento de quem nela viveu. Já que o espaço urbano ganhava novos elementos, muitos baseados numa versão de arquitetura europeia do século XIX que substituiria uma versão colonial, gerando, anos mais tarde, um debate arquitetônico sobre a criação de um estilo nacional, conforme visto nas crônicas de Menotti del Picchia.

O Parque localizava-se na zona oeste da cidade, na Avenida da Água Branca, hoje denominada Avenida Francisco Matarazzo, na região das Perdizes, subdistrito que contempla o bairro de mesmo nome, além de Pacaembu, Sumaré, Vila Pompeia e Água Branca. Região onde a forte presença industrial influenciou diretamente na urbanização de São Paulo.

O início da urbanização ali se dá a partir da inauguração da São Paulo *Railway* em 1867, ligando Jundiaí a Santos, promovendo gradativamente a aglomeração da população que passaria por um crescimento exacerbado ao longo das primeiras décadas do século seguinte. A instalação das Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, na região da Água Branca, próxima ao rio Tietê, por volta de 1911, para atuar na área de produtos

alimentícios, fiação, tecelaria e tintura também seria um dos fatores para a ocupação daquela região. Aos poucos a família Matarazzo criaria o maior império empresarial da América Latina, aproveitando-se da própria estrada de ferro existente para criar a Estação Matarazzo, destinada ao transporte de matéria-prima, produtos industriais e funcionários.

Além da fábrica do Conde Matarazzo, já estavam nas redondezas a Santa Marina, produtora de vidro, fundada pelo Conselheiro Antônio Prado em 1896, que inclusive fornecia seus produtos como vasilhames para engarrafar as bebidas produzidas pela *Companhia Antartica*. Portanto, o complexo industrial não ficava restrito às posses dos Matarazzo, sendo estendido a uma maior gama de atividades que trabalhavam entre si.

No final do século XIX a Companhia Antartica Paulista criou o Parque da Antartica, antes uma pequena fazenda de criação de porcos. O novo espaço de lazer de 300 mil metros quadrados era destinado aos funcionários da CAP, próximo à fábrica de gelo, que era a atividade inicial da Cia. O espaço tinha uma vasta área verde com um pequeno lago, coreto e bosques, parque infantil, choperia, restaurantes e áreas para a prática de esportes incluindo pistas de atletismo, quadra de tênis e um dos primeiros campos de futebol da cidade, além de boxe e corridas de automóvel, voltados à elite.

O futebol já era praticado pelas camadas populares na Várzea do Carmo, com sua massificação, O Parque Antartica passou a ser frequentado por milhares de pessoas que iam assistir às partidas. No entanto, o motivo original de criação desse espaço era a popularização da cerveja, já que uma multidão o frequentava nos finais de semana e feriados. *A união entre Antartica e os controladores do circuito exibidor mais importantes do estado, com poderosas ligações pelo interior, era vital para a manutenção de um mercado cativo para os seus produtos*.⁴ A Companhia Antartica criou, em 1926, o Cine Central na Avenida São João, como mais um elemento empreendedor visando uma ampliação de seu mercado consumidor.

Anos antes, porém, com a popularização do futebol, a Antartica aproveitou a oportunidade, nos primeiros anos do século XX, ao alugar o campo de futebol para clubes da cidade que estavam surgindo naquele momento.

Além de se tornar um dos principais campos para a prática do futebol, o Parque

4

SOUZA, José Inácio de Melo. *Imagem do passado: São Paulo e Rio de Janeiro nos primórdios do cinema*. São Paulo. Editora Senac São Paulo: 2004 p.223

era referência para uma série de eventos ao ar livre, como exhibições de boxe e até corrida de automóveis. Em julho de 1908 sediou a primeira corrida automobilística disputada na América do Sul, o “Circuito de Itapecerica”, que terminou com vitória do paulista Sílvio Penteado pilotando um carro Fiat de 50 cavalos de potência (REIS, 1993). Neste período, os espaços destinados para a realização dos jogos eram, além do Parque Antarctica e do Velódromo de São Paulo, a Chácara *Dulley*, localizada no Bom Retiro, pertencente ao time inglês São Paulo *Athletic Club*, a Chácara da Floresta, na Ponte Grande, próximo ao Tietê. O campo da Associação Atlética das Palmeiras, o Jardim América era sede do CA Paulistano e os campos da Várzea do Carmo destinado aos não-pertencentes à elite, uma vez que o futebol já estava por ultrapassar o caráter restrito da aristocracia, se propagando de maneira cada vez mais forte entre a população de baixa renda.

Uma das equipes de futebol que surgiram nessa época foi o Palestra Italia, formado por imigrantes em 1914. Três anos depois, em seu primeiro campeonato oficial, o time formado pela colônia italiana passou a alugar o campo do Parque por intermédio do América FC, que já era locatário do mesmo espaço, mas não podia arcar com todas as despesas do aluguel. O novo time de imigrantes italiano fazia sucesso em suas partidas e isso acarretou em um número maior de torcedores, motivando a equipe palestrina a comprar a área do Parque em 1920, pelo valor de 500 contos de réis, sendo a metade à vista e mais duas prestações de 125 contos de réis, pagas anualmente.

Passada a compra do imóvel, o importante era pensar na construção de um estádio novo, para isso a diretoria promoveu um concurso para arquitetos italianos residentes no Brasil ou na Itália. Os participantes deveriam seguir as orientações do edital montado pela diretoria do clube. A ideia era a criação de um memorial. A vontade em erigir um patrimônio edificado era imensa, mas isto consolidou-se anos mais tarde. O ano de 1921 se passa sem que o interesse pelo projeto fosse manifestado pelos arquitetos italianos, quer seja pela distância dos que na Itália residiam, quer pelos poucos residentes no Brasil, o fato é que, no ano seguinte, o concurso sofreu alterações sendo aberto também aos arquitetos brasileiros e com uma premiação de 5 contos de réis para o primeiro colocado, 3 contos para o segundo e 2 contos para o terceiro. No primeiro semestre de 1923, foram apresentados dezesseis concorrentes, porém, uma cláusula contratual não permitia ao Palestra investir mais que 1500 contos na obra, o que reduziu o número de projetos para seis firmas. Foram os escritórios de Fernando Malgarini, de Milão e de Raul Penafirme, do Rio de Janeiro e os demais de São Paulo.

A comissão julgadora formada por Ramos de Azevedo, Victor da Silva Freire, Antonio Rocco, Nicola Rollo e Alfonso Chioccarello. Com o pseudônimo de “Spartaco”, venceu o projeto do dr. Ettore Battiti. Contudo, problemas administrativos não permitiram a execução da obra, por questões orçamentárias, porém, estava lançada a centelha para a realização do empreendimento.

É possível distinguir, de acordo com a reformulação do estádio, um processo que demonstra um novo conceito na construção civil em que o carro-chefe era o concreto armado e suas aplicações nas mais diversas formas, como a construção da tribuna social e das arquibancadas que substituiriam as anteriores feitas de madeira. A construção de uma arquibancada de concreto armado representava a adaptação do clube e do estádio à nova realidade do futebol. A demanda para assistir às partidas aumentara consideravelmente com a popularização do futebol. O clube pretendia então criar melhores condições de receber um número maior de torcedores, muitos deles chegando ao estádio pelos bondes que saíam do centro da cidade.

As alterações dessa primeira reforma foram inauguradas em 13 de Agosto de 1933, na partida Palestra Italia 6 x 0 Bangu, pelo Torneio Rio-São Paulo, quando o estádio passou a chamar-se “Stadium Palestra Italia” nome que já era popularmente usado: maior e mais moderno estádio de futebol do país na época até a construção do Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho, em 1940.

Em setembro de 1935, com o clube crescendo cada vez mais em realizações sociais, bailes e festas, foi criado o Departamento Social a fim de que tais práticas fossem melhor geridas e realizadas, ratificando a importância do clube na vida social paulistana da época. Neste mesmo período, a sede social do clube foi transferida do centro da cidade para o entorno do estádio. Além disso, o espaço abaixo delas serviria para abrigar outras dependências do clube como sala de troféus e partes do setor administrativo. O estádio ainda contaria com: piscina e uma arquibancada para 400 pessoas, um espaço destinado a três quadras de tênis, promovendo ainda mais o local perante seus praticantes e uma seção hípica, aos fundos do terreno, com entrada pela Rua Turiassú. Atualmente o Acervo Histórico do clube serve de referência para pesquisadores que desejam saber mais sobre a trajetória da agremiação.

A preocupação com o desenvolvimento patrimonial se mostra com a ampliação do estádio, ocorrendo mais uma vez em 1936, com a festa da inauguração da Tribuna Vitalícia e de Honra, um novo bloco de concreto armado ligando-se aos construídos em 1933, para que embaixo se instalassem restaurante e salão de festas. Na década de 50, a

terceira reforma é realizada, sob projeto do Engenheiro Clovis Felipe Olga, unindo as duas arquibancadas em forma de “U” fazendo uma "ferradura" e criando um novo lance de arquibancadas acima destas permitindo um número ainda maior de torcedores nos dias de jogos.

Uma das reformas mais impactantes sofridas pelo Estádio Palestra Italia vai de encontro à própria geografia do local onde este se situa, na região da Água Branca. O córrego de mesmo nome corre em tubulações sob a Avenida Sumaré, juntando-se ao córrego da Água Preta, cuja nascente fica no bairro da Pompéia, desaguando no rio Tietê. Não é preciso muita chuva para que a região lindeira ao empreendimento sofra as consequências provocadas pelas enchentes. A solução, então, encontrada pela equipe de Olga foi elevar o patamar do gramado para que este não fosse prejudicado no caso da enchente, sendo assim, o campo de futebol passara a ter uma distância de dois metros e meio de altura em relação ao solo, tornando-se conhecido como os “Jardins Suspensos de Palestra Italia”. Abaixo do campo ficariam os vestiários dos jogadores, um ginásio com cine-auditório e outros departamentos de esportes amadores, almoxarifado e manutenção. A reinauguração do estádio se deu no dia 7 de Setembro de 1964, em uma partida válida pelo Campeonato Paulista, com vitória do Palmeiras sobre o Guaratinguetá, por 2x0. Durante este período de reformas, uma transformação maior aconteceu dentro da própria instituição: a mudança de nome para Sociedade Esportiva Palmeiras, substituindo o anterior Palestra Italia, em função da publicação de um decreto por parte do presidente Getúlio Vargas que proibia qualquer instituição de ter ligações com os chamados países do eixo durante a Segunda Guerra Mundial. A importância das práticas de lazer na sociedade paulistana representada pelo Parque Antarctica é demonstrada pelo depoimento de Zélia Gatai (1916-2008) filha de emigrantes italianos, na obra *Anarquistas Graças a Deus*:

Grande programa, o maior, o melhor de todos para mim – a ida ao Parque Antarctica, na Água Branca. Ai que frio no estômago, ao subir na roda gigante! E o carroussel? Era por acaso pouco emocionante galgar nos coloridos cavalos de pau? Chegava a sentir vertigem daquele sobe-e-desce dos cavaleiros rodando, rodando... Havia um hábito intolerável dos adultos: plantavam-se de pé, cada qual ao lado de uma criança. Eu detestava esta proteção, preferia andar solta, galopar em liberdade. No fundo, no fundo, não seria apenas um pretexto dos sabidos para se divertirem às nossas custas? E os trenzinhos puxados a burro, circulando pelo

parque todo? Carrocinhas arrastadas por bodes e carneiros? Os pirulitos de todos os formatos e cores? As bolas de ar, subindo lá no céu, presos por um barbante? O algodão de açúcar? As gazosas e os sanduíches? O Parque era divino! Pena não frequentá-lo sempre. Não adiantava pedir que nos levassem, chorar, esperniar. Parque Antarctica? Outra vez? Com essa criançada toda? Querendo tudo o que vê? Não, não sou Matarazzo nem Crespi! - Desculpava-se papai. Mamãe reforçava a recusa do marido, aproveitava para nos ensinar um pouco de sua língua: “Bisogna um sacco de soldi”, um sacco de dinheiro, sim, traduzia.

Outro depoimento a respeito da importância do Parque Antarctica é do ex-governador de São Paulo, André Franco Mutoro (1916-1999), lembrando de sua infância na biografia editada por Pedro Cavalcanti:

Parque Antarctica, onde havia um parque de diversões, quiosques com venda de comidas e bebidas e muito espaço para brincadeiras. Quando meu pai comprou um forde-de-bigode, íamos visitar os novos loteamentos batizados Jardins, que a companhia inglesa City estava abrindo na região vizinha à Avenida Paulista. Muitos duvidavam da viabilidade do empreendimento. A região era considerada um arrabalde, verdadeiro fim de mundo, dizia-se que tinha até borrachudos.

Este pequeno panorama é requisito para distinguir dois grandes pilares dos quais esta pesquisa se baseia: esportes e indústria, sendo o primeiro, decorrência do segundo, no sentido em que trabalho e lazer são concomitantemente peças-chaves para a compreensão do homem na transformação da cidade de São Paulo no referido espaço-tempo.

Assim como a cidade de São Paulo que passou por diversas alterações ao longo de sua história, lembrando a obra de Benedito Lima de Toledo, *São Paulo: Três Cidades em um Século*, podemos dizer que, dadas às devidas proporções, um processo semelhante ocorreu na área demarcada como ponto de pesquisa deste trabalho, ou seja, a fábrica, o parque e o estádio.

O século XX colocou a cidade de São Paulo em um patamar de destaque como uma das mais importantes metrópoles do mundo. A vila colonial que servia de entreposto para os tropeiros até meados do século XIX tornar-se-ia detentora do epíteto de *cidade que mais cresce no Brasil*. Este recrudescimento, conforme apresentamos, tem ligação intrínseca com a industrialização que se desenvolveu fortemente na década de 50, mas que no início do século já se mostrava presente em diversos setores da sociedade. Além disso, vimos que a industrialização foi o preâmbulo desencadeador de

uma demanda por espaços de socialização, entretenimento, lazer e práticas desportivas.

A importância do Parque que se transformou em Estádio em termos arquitetônicos é relacionada mais uma vez com a indústria e o emprego do uso do concreto armado substituindo as estruturas de madeira em suas dependências, além da elevação do gramado – sendo o primeiro estádio a adotar essa tecnologia da arquitetura esportiva.

O processo de mudança é constante e uma nova arena multiuso está sendo erguida no lugar do velho Palestra Itália. Mirar os olhos para o futuro com construções modernizadoras não implica em esquecer o passado e sim valorizar o patrimônio edificado com o intuito de que cada vez mais possam ser realizados estudos e pesquisas que relacionem questões concernentes ao nosso cotidiano, como os caminhos que fazemos e lugares por onde passamos, trazendo à tona a necessidade de que a cidade deve ser pensada em conjunto, com o conhecimento de que o antigo e o novo são indissociáveis para a compreensão da nossa cidade.

Referências Bibliográficas

BRUNO, Ernani Silva. *História e tradições da cidade de São Paulo, vol III. Metrópole do café (1872-1918)* São Paulo: Editora Hucitec, 1984, 3.ed.

CAMPOS, Candido Malta. *Os Rumos da Cidade: Urbanismo e Modernização em São Paulo*. Senac, 2000.

CARELLI, Mario. *Carcamano e Comendadores. Os italianos de São Paulo da realidade à ficção – 1919 a 1930*. Editora Ática.1985.

MILLS, John. *Charles Miller: O pai do futebol brasileiro*. São Paulo: Panda Books, 2005

MORSE, Richard M. *Formação Histórica de São Paulo*. Editora Difusão São Paulo, Européia do Livro, 1970.

NIEMEYER, Carlos Augusto da Costa. *Parques Infantis de São Paulo. Lazer como expressão de cidadania*. Annablume. São Paulo, 2002.

PAULA, Eurípedes Simões de. *A Segunda Fundação de São Paulo. De pequena cidade à grande metrópole de hoje*. 1939. Em <http://www.revhistoria.usp.br/images/stories/revistas/017/A006N017.pdf> Acesso em: 25/08/2013.

PRIORE, Mary Del; MELO, Victor Andrade de. (orgs.).*História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais*. São Paulo: Editora da UNESP, 2009.

RAGO, Margareth. *A invenção do cotidiano na metrópole: sociabilidade e lazer em São Paulo, 1900-1950*.In: *PORTA, Paula (Org.). História da Cidade de São Paulo: a cidade na primeira metade do Século XX*. v. 3. São Paulo: Paz e Terra, 2004

REIS, Nestor Goulart. *Dois Séculos de Projetos no Estado de São Paulo – Grandes Obras e Urbanização – volume II: 1889-1930*. Edusp – Imprensa Oficial

----- *São Paulo e outras cidades*. Hucitec, São Paulo, 1993.

SANTOS, Sergio Paula de. *Os primórdios da cerveja no Brasil*. Ateliê Editorial. São

Paulo, 2004

SANTOS, Wanderley. *História dos bairros de São Paulo*. Volume 18: Lapa. PMSP/SMC

SEGAWA, Hugo. *Prelúdio da Metrópole. Arquitetura e Urbanismo em São Paulo na passagem do século XIX ao XX*. Ateliê Cultural. São Paulo, 2004.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na Metrópole. São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992

SOMEKH, Nadia. *A cidade vertical e o urbanismo modernizador*. São Paulo: Edusp/Studio Nobel/ Fapesp. 1997